

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 4 - Sociologia da Cultura

Espaços de pertencimento: reflexões sobre o rap feminino e a literatura negra

Ana Carolina de Paula Lima¹

Ana Beatriz Alves de Sousa²

Introdução

O presente artigo visa tecer uma reflexão em relação aos espaços de pertencimento que o rap feminino e a literatura negra produzem enquanto manifestações culturais. Dentro da área de estudos do hip-hop, o rap feminino vem sendo investigado enquanto espaço, simultaneamente, de expressão crítica para as mulheres negras e um espaço em que as mulheres precisam resistir, sendo uma indústria dominada por rappers masculinos com discursos sexistas. É a partir da condição de *outsider within* descrita por Collins (2016) que a mulher negra carrega um potencial enquanto teórica crítica que pode ser despertado nas letras dos raps. A análise ganha sustentação no conceito de música local tecido por Reily (2019), que afirma que o fazer musical tem o potencial de construir locais, espaços afetivos, em que se perpetuam os sentimentos de pertencimento e identidade, assim, pode-se concluir que o rap feminino gera um espaço seguro para mulheres negras, tanto as que produzem como as que consomem.

Igualmente, a literatura negra pode ser entendida através do conceito de *estrutura de sentimentos* de Williams (2025), uma produção cultural que não apenas reflete, mas participa

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, com financiamento pela CAPES, anacpaula@usp.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas, com financiamento pela CAPES, a248423@dac.unicamp.br.

ativamente da formação do pensamento social e racial, mantendo uma relação íntima com o movimento negro no Brasil, evidenciando a literatura negra enquanto produtora e reprodutora de espaços de pertencimento para a população negra, articulando produção literária, luta antirracista, memória coletiva e pertencimento social.

É evidente que um dos grandes debates dentro da Sociologia da Cultura gira em torno da agência dos indivíduos para a transformação social diante da dinâmica estrutural da sociedade. Apesar de enfrentarem o duplo fenômeno do racismo e do sexismo, é exatamente essa posição específica que proporciona às mulheres negras condições intelectuais e políticas de se articularem enquanto teóricas críticas e resistirem à opressão da branquitude e do patriarcado, combatendo discursivamente nas canções de rap feminino, por exemplo, as imagens de controle que são mecanismos de manutenção da subalternidade negra.

As realidades das mulheres negras são negadas por todos os pressupostos nos quais se baseia o pertencimento pleno a um grupo: a branquitude como condição para integrar o pensamento feminista, a masculinidade como condição para integrar o pensamento social e político negro, e a combinação de ambas para fazer parte do setor dominante da academia. Impedidas de ocupar uma posição plenamente interna em qualquer uma dessas áreas de pesquisa, as mulheres negras permaneceram em uma situação de *outsiders internas*, como indivíduos cuja marginalidade proporcionou um ângulo de visão específico sobre essas entidades intelectuais e políticas (Collins, 2019, p. 14).

Da mesma forma, esse estudo consiste em um exercício teórico que irá fundamentar análises empíricas posteriores, a partir de uma análise estrutural, conforme herança dos estudos literários da Sociologia da Cultura, principalmente tendo em vista autores como Williams (2025), com seu conceito de estrutura de sentimentos, em que enxerga a cultura como uma peça fundamental à *estrutura* social; e Pierre Bourdieu (1996), com sua noção de campos, mobilizada, principalmente, devido ao seu valor analítico ao conceber determinadas áreas da vida social como microcosmos e universos *relativamente* autônomos, ampliando o escopo e atenção a estes. Embora ambas as perspectivas, a partir da agência e a análise estrutural, tenham suas claras distinções, buscou-se as flexionar visando abranger tanto categorias subjetivas, quanto objetivas do que se entende como *espaços de pertencimento* à população negra brasileira.

1.1 Rap Feminino, pertencimento e localidade

O estudo da presença feminina dentro do rap é um tema amplamente abordado na área dos estudos de *hip-hop*, visto que, o rap enquanto gênero musical se apresentou como uma alternativa de ambiente em que as mulheres poderiam veicular seus ideais de luta antissexista, porém era também um ambiente que reproduzia o sexismo através dos discursos masculinos. Logo, as noções de pertencimento, conceito central neste artigo, são mais complexas para as mulheres no rap nacional devido ao enfrentamento do sexismo, intrínseco na cultura brasileira. Segundo Carneiro (2003), é necessário olhar para o período colonial e a violência sexual produzida nele como o “cimento” que estabeleceu a hierarquia de raça e gênero neste país, gerando uma condição muito específica às mulheres negras, que estariam submetidas ao duplo fenômeno do racismo e do sexismo.

Collins (2016), ao perceber que havia um “lugar” específico que as mulheres negras ocupavam, herança do período escravocrata e da posição ambígua de estar simultaneamente “dentro” e “fora” das famílias brancas, ao trabalhar na Casa Grande, cuidando dos filhos das famílias brancas, ou mesmo posteriormente como trabalhadoras domésticas, eram consideradas “quase” da família, mas nunca seriam consideradas família de verdade, nomeou essa posição como o status de *outsider within*. É, segundo Collins (2016), esse status que garante uma visão única para as mulheres negras, um lugar social que capacitaria ter uma visão privilegiada das estruturas de gênero, raça e classe, gerando assim um potencial da mulher negra enquanto teórica social crítica.

O rap se apresenta, então, como um espaço em que as mulheres negras poderiam exercer seu potencial crítico. Rose (2021), descreve como as rappers negras se utilizam do rap enquanto espaço de expressão de seus medos e prazeres, trazendo para os holofotes um discurso marginalizado, ao mesmo tempo que resistiam às noções sobre mulheres negras postas pelos homens em seus raps. Assim, é possível afirmar como a permanência da mulher na cena do rap é permeada de obstáculos e opressões. Citando Chris Lady Rap (2022), uma das pioneiras do rap brasileiro e uma das fundadoras da iniciativa Femini Rappers: se o *hip-hop* é um movimento libertário, como ele pode ser uma ferramenta de opressão?

Também é importante para Rose (2021) que o debate não coloque os homens negros e mulheres negras em oposição total, mas enxergar o rap como um processo dialógico, em que

ninguém tem a última palavra e que em ambos os discursos poderão ser encontradas contradições. Assim, o foco deste trabalho não é colocar em oposição os rappers e as rappers, mas fundamentar como o fazer musical feminino enfrenta diversas barreiras e se torna essencial para o público que as consome, em especial outras mulheres negras.

Trazendo uma perspectiva da etnomusicologia, Reily (2019) desenvolve o conceito de musicar local, argumentando que os processos musicais, chamados de musicares, se transformem em espaços que promovem o pertencimento e o compromisso interno com a vivência compartilhada entre aqueles que fazem parte daquele local. Os musicares afetam as localidades e são também afetados por elas, utilizando Certeau (1980), a autora separa a noção de espaço e de lugar. Enquanto o lugar é definido pelos elementos fixos que o compõem e seus posicionamentos, o espaço é caracterizado pelos atos que nele ocorrem, movimentos, práticas, assim, um grupo musical é capaz de criar um espaço no momento em que os integrantes estão tocando, dançando ou cantando. Os espaços são definidos então como lugares praticados, por contextos e vivências: o momento da performance, da produção de sonoridade e os corpos em movimento tem o poder de promover sentimentos, provocar sensações e criar laços sociais. Em um diálogo com Arjun Appadurai, Reily destaca o que o pensador indiano chamou de “produção de localidade”: construção coletiva de um espaço que se almeja viver, em que o coletivo garante segurança uns para os outros, diferente do que seria apenas uma vizinhança, o espaço físico.

Também é observado pela etnomusicóloga que a maioria das performances de atos rituais possui uma marcação musical, mas para além disso a própria performance musical pode ser compreendida como um ato ritualizado, pois envolve coordenação e sincronização. Logo, a performance é colocada como uma tecnologia coletiva que produz localidade, é a construção de uma relação afetiva. Nas palavras da autora: nossas emoções moldam os nossos sentimentos sobre os lugares que ocupamos e àqueles com quem os compartilhamos. Pode-se dizer, portanto, que promovem a formação de “geografias emocionais” (Smith et al 2009), levando-nos a “sentir” os espaços que nos cercam e a avaliá-los em relação a estes sentimentos (Reyli, 2021, p. 13).

Da mesma forma que podemos concluir que a Semana Santa Campanhense é motivo de orgulho para seus moradores e um emblema de identidade local, o rap feminino também pode produzir a mesma noção de localidade e pertencimento às suas ouvintes, pois seu musicar afeta a localidade em que se encontra, “o musicar pode reforçar posicionamentos

dominantes, criar espaços de sociabilidade com pares, construir refúgios em ambientes hostis, contestar violências cotidianas, demarcar espaços para transcender e neutralizar as diferenças” (Reily, 2021, p. 19). Assim, os fazeres musicais das rappers negras carregam um potencial transformador para as mulheres negras como um todo, aliando o olhar da *outsider within* descrito por Collins (2016) com o potencial que a música, especialmente a música preta, tem de gerar pertencimento e localidade.

Outro fenômeno, também descrito por Collins (2016), que dá sustentação ao rap feminino enquanto um local de pertencimento para as mulheres negras é o de *sisterhood* ou irmandade entre mulheres negras, uma lealdade e solidariedade única entre elas:

Dois trabalhos representativos da tradição emergente de pesquisas feministas negras ilustram como esse conceito de irmandade, embora seja expresso de maneiras diferentes, de acordo com condições materiais específicas, tem sido uma característica importante da cultura das mulheres negras. Por exemplo, Debra Gray White (1985) documenta a forma como mulheres negras escravas auxiliavam umas às outras no parto, como cuidavam das crianças umas das outras, como trabalhavam juntas em unidades de trabalho que eram separadas quando grávidas ou amamentando uma criança, e como dependiam umas das outras quando casadas com homens que moravam em fazendas distantes. De forma parecida, o trabalho de Gilkes (1985), sobre as tradições das mulheres negras na Sanctified Church (Igreja Santificada) sugere que a irmandade de mulheres negras tinha benefícios tangíveis, psicológicos e políticos (Collins, 111, 2016).

Assim, é possível concluir como o rap feminino e negro, diante de muitas particularidades, se constitui enquanto espaço de pertencimento e que, através de seus discursos as mulheres negras que consomem essa música encontrem ferramentas para o empoderamento e superação de imagens de controle ou estereótipos sobre mulheres negras. Segundo Abreu; Carvalho e Souza (2022) as mulheres negras evocam as imagens de controle nas canções de seus raps a fim de gerar um processo de desidentificação dessas imagens, enquanto uma estratégia de resistência e em seu agenciamento discursivo.

a análise das letras de rap cantadas por mulheres negras nos possibilitou identificar o processo relacional em que o agenciamento discursivo, decorrente do potencial de vozes, interseccionadas por gênero e raça, evocou imagens de controle produzidas pela branquitude para (re)constituir as práticas sociais através de um processo de desidentificação. Esta desidentificação, como uma legítima estratégia de resistência produzida pelas cantoras negras, opera pautas do movimento negro por meio de identificações entre/com as mulheres negras, à medida que as ideologias que sustentam as imagens e hierarquias que beneficiam a branquitude são contestadas. Esse processo se deu no/pelo discurso musical que internalizou e rearticulou atividades materiais, fenômenos mentais e relações sociais (Carvalho; Souza; Abreu, 2022, p.19).

1.2 Literatura negra: a fluidez estética e política

A priori, concebe-se essa mesma noção de localidade, ao abordar a literatura negra, como espaços de pertencimento. Nesse sentido, como argumenta Appadurai, em entrevista a Ferreira (2009), “a localidade torna-se, assim, uma apropriação de elementos circulantes e globalizados por sujeitos que produzem sua subjetividade em relação com o lugar que habitam” (Ferreira, 2009, p. 134).

É justamente a partir dessa articulação entre localidade e espaços de pertencimento que se pode compreender a literatura negra brasileira, a qual, segundo Octavio Ianni (1988), tem como uma de suas características fundamentais a sua flexibilidade em relação às escolas e correntes literárias. A literatura negra se molda e ultrapassa esses limites estruturais, propondo limites próprios, como argumenta o autor, “São autores, obras, temas, soluções literárias que se articulam, influenciam, continuam; sem romper o sistema constituído pela literatura negra.” (Ianni, 1988, p. 92), essa dinâmica revela uma fluidez estética e um profundo vínculo político.

Ianni (1988), então, concebe a literatura negra como um “*imaginário* que se articula aqui e ali” (p. 91), cobrindo-a por um caráter subordinado, em sua estética, e autônomo, politicamente, no campo literário.

Em um sentido muito próximo, Mário Medeiros (2023), entende a literatura negra como “*ideias em movimento*” (p. 25), e detentoras de “*emblemas*” (p. 25), aos quais a posicionam frente a diversas questões político-sociais, demonstrando, também, a união dos elementos estético e político, assim,

Sendo ideias — portanto menores que conceitos e maiores que ferramentas categóricas —, elas se apresentam como problemas de fôlego, que exigem ser pensados continuamente, e são detentoras de estatuto material (livros, autores, coletâneas etc., bem como críticas e análises) e imaterial (memórias coletiva e afetiva, ícones e cânones etc.) (Medeiros, 2023, p. 21).

Ampliando essas concepções, é possível compreender a literatura negra a partir da estrutura de sentimento, teorizada por Raymond Williams (2025), vendo-a para além de uma expressão cultural que reflete o pensamento social e racial de sua época, como sugere Ianni

(1988), ao argumentar que expressões culturais negras, como a literatura, “refletem as inquietações, as reivindicações, as buscas de alternativas, o sentimento do mundo” (Ianni, 1988, p. 99).

Mas, antes disso, a literatura negra se torna inerente ao pensamento de sua época, moldando-o e sendo moldada por ele, nesse processo estrutural, que, “é, em certo sentido, a cultura de um período: ela é o resultado vivo particular de todos os elementos da organização geral.” (Williams, 2025, p. 63).

Aliado a isso, ainda, é possível entender o lastro de expressões culturais, políticas e sociais dos movimentos e associações negras no Brasil, a partir do conceito de campo literário, de Pierre Bourdieu (1996), como um grupo literário que foi capaz de dominar um espaço dos possíveis, ao qual, para o autor, constitui-se como um *espaço*, ou uma abertura, no campo a ser preenchido, culminando em disputas de interesse e legitimidade em torno deste.

Aliado a isso, e visando ampliar esse conceito fundamental à pesquisa, é possível entender o lastro de expressões culturais literárias negras no Brasil, a partir do conceito de campo literário, de Pierre Bourdieu (1996). Segundo o autor, o campo é um universo de análise dotado de certo grau de autonomia, no qual agentes ocupam posições distintas, produzem e reproduzem interesses específicos e se engajam em disputas pela manutenção ou transformação das hierarquias internas. Essa dinâmica gera tensões hierárquicas marcadas pelas disputas por legitimidade, ativando capitais e *habitus* próprios na disputa por posições privilegiadas e maior estabilidade dentro do campo. Para Bourdieu, o campo literário se constitui como:

[...] o lugar de uma espécie de balé bem ordenado no qual os indivíduos e os grupos desenham suas figuras, sempre se opondo uns aos outros, ora se defrontando, ora caminhando no mesmo passo, depois dando-se as costas, em separações muitas vezes retumbantes, e assim por diante, até hoje... (Bourdieu, 1996, p. 133).

O resultado das disputas do campo, seguem, também, conforme as disposições da realidade social afora, segundo Bourdieu (1996), relacionando-se quase sempre ao campo do poder ou o campo social em si, que tencionam os demais campos, sem retirar sua autonomia. Nesse ponto, a literatura negra se sobressai, em sua flexibilidade em articular questões sociais, políticas e estéticas.

Entende-se, desse modo, que ela foi capaz de dominar um espaço dos possíveis, ao qual, para o autor, constitui-se como um espaço, ou uma abertura, no campo a ser preenchido,

culminando em disputas de interesse e legitimidade em torno deste. A literatura negra, enquanto ocupante desse espaço, dada sua flexibilidade política e estética, moldou-o ao longo de transformações sociais, políticas e culturais, capazes de o tornar um “espaço das possibilidades legadas pelas lutas anteriores que tende a orientar a busca das soluções e, por conseguinte, o presente e o futuro da produção.” (Bourdieu, 1996, p. 235).

Medeiros (2023), exemplifica, em termos históricos a relação entre a literatura negra e os movimentos e associações negras, demonstrando sua relação íntima:

[...] literatura nunca esteve separada de integração, orientação, controle social do grupo negro, o que se observa: em sua forma inicial de acontecimentos frugais do primeiro período; no acirramento da conscientização política, limitado pelo golpe de 1937, com o surgimento, inclusive, da Frente Negra Brasileira (FNB), explicitando o alijamento dos negros da política; em seu ápice, num curto interregno democrático, entre 1945 e 1963, em que o negro se faz presente como sujeito político ativo, seja em suas associações [culturais] e grupos teatrais (como o Teatro Experimental do Negro do Rio de Janeiro e de São Paulo e a Associação Cultural do Negro), seja em jornais (Medeiros, 2023, p. 51-52).

Entende-se, desse modo, a literatura negra enquanto produtora e reprodutora de espaços de pertencimento da população negra brasileira, aliando sua dimensão estética e política, pois como argumentado, são duas dimensões inseparáveis na consolidação do que é entendido como uma produção de literatura negra brasileira.

A perspectiva de espaços de pertencimento à população afro-brasileira também é debatido por Medeiros (2023), ao mobilizar a percepção de que a literatura negra é feita para preencher *lacunas*, intrinsecamente relacionada à herança colonial brasileira e as maneiras como ainda ressoam “dinâmicas historicamente construídas das relações sociais no Brasil, pautadas pelo preconceito racial e pela discriminação social.” (Medeiros, 2023, p. 253).

Por isso, o autor, ao se referir na pessoa produtora da literatura negra, afirma, “São homens e mulheres negros e periféricos que fazem sua própria história literária, social e antirracista, sobrevivendo no capitalismo, demandando o direito à literatura e os direitos de existir, de forma cada vez mais ampla e irrefreável.” (Medeiros, 2023, p. 21).

Para trazer maior concretude ao debate, vale apresentar alguns dos principais destaques político-sociais de associações e movimentos negros, conforme Medeiros (2023): em relação à imprensa negra, com a criação do jornal Clarim da Alvorada (1924), A Voz da Raça (1933), e o jornal Quilombo (1948); e a Frente Negra Brasileira (1931), ou FNB, e o

Movimento Negro Unificado, MNU, como movimentos de conscientização política e racial; voltado a questão cultural, há o Teatro Experimental do Negro (1944), TEN, a Associação Cultural do Negro (1954), ACN, e a Quilombohoje (1980). Ressalta-se, também, a integração desses movimentos e associações entre si, como o caso do TEN produzir o jornal Quilombo, por exemplo.

Dado isso, conclui-se que, para além da literatura negra ser intrinsecamente ligada aos movimentos sociais, culturais e políticos negros, essa é uma característica que define sua posição no campo literário e que se renova conforme as mudanças sociais ocorrem. Desse modo, como afirma Williams (2025), “Não se trata apenas de ‘uma sociedade’ se transformando, mas de transformações reais incidindo na organização pessoal de todos seus membros.” (Williams, 2025, p. 49), reforçando sua relação de pertencimento com a população negra brasileira.

Considerações finais

A produção e reprodução de espaços de pertencimento é entendida nas expressões culturais negras no Brasil enquanto essenciais, seja no ator produtor destas ou seu público, por perpetuar um vínculo chave dessa população, portanto, verificou-se a necessidade de articulação dessas compreensões neste artigo. Salienta-se que ambas as vertentes de estudo aqui exploradas, o rap feminino e a literatura negra, integram pesquisas de mestrado ainda em desenvolvimento. Desse modo, este estudo é compreendido como um espaço de experimentação de temas e concepções teóricas, que serão progressivamente aprofundados ao longo das etapas das pesquisas principais.

Os espaços de pertencimento, então, tidos a partir do rap feminino se dão graças a posição crítica que o movimento hip-hop tem por elemento central, essa posição crítica, permeada principalmente através de suas composições, foi capaz de ultrapassar a *mera* problematização entre concepções de *dentro* e *fora*, ou melhor, *nois* e *eles*, tornando-se uma problemática de si. Sem que um apogeu fosse instalado entre rappers femininas e rapper masculinos, foi captado e questionando quem, de fato, tem *espaço* nessa expressão cultural e, assim, quais críticas sociais são produzidas e quais são esquecidas nas composições da *cena contemporânea do rap*, permitindo a produção de um musicalizar a partir de experiências femininas.

Em relação à literatura negra, devido a sua flexibilidade estética e profundo caráter político, seus espaços de pertencimento foram sendo desenvolvidos em consonância aos movimentos e associações culturais negras, conforme a concepção de Williams (2025), e Ianni (1988), de que o pensamento social e racial brasileiro é uma categoria chave na produção da literária, em suma, na literatura negra.

Por fim, no que concerne as pesquisas que vêm sendo construídas em nível de mestrado, em relação ao rap feminino busca fazer uma comparação entre os discursos presentes nas canções, entrevistas e posicionamentos públicos de uma das pioneiras do rap feminino e do ativismo negro e *hip-hop*, Sharylaine, e um dos maiores nomes do rap feminino contemporâneo, Duquesa. Ao realizar uma análise através da metodologia de Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO) de um das canções do segundo álbum de Duquesa, *Taurus*, Vol. 2, em colaboração com Tasha e Tracie, “Disk P@#\$\$%&!” foi possível concluir que as mulheres negras no rap contemporâneo desafiam os papéis de gênero nas relações heterossexuais, assim como se mostram irreverentes à restrições sexuais socialmente impostas, se utilizando da música para expressar sua sexualidade da mesma maneira que homens cis heteros sempre fizeram em suas letras de rap.

Já a pesquisa que envolve a literatura negra, busca compreender, a partir da análise do campo literário nacional e o subcampo da literatura negra, em suas relações de disputa por legitimidade, a entrada na literatura afrofuturista na literatura nacional por meio da literatura negra. Parte-se da hipótese central de que a literatura afrofuturista seria, então, um produto dessas disputas. Para o desenvolvimento da pesquisa, privilegia-se a revisão bibliográfica, mobilizando, como conceitos centrais, campo e espaço dos possíveis, de Pierre Bourdieu (1996), estrutura de sentimento, de Williams (2025); a noção sociológica da literatura negra como ideias em movimento, de Mário Medeiros (2023), e a literatura negra enquanto imaginário social, de Octavio Ianni (1988); em relação à metodologia quantitativa, elaborou-se um banco de dados com vencedores de prêmios literários, em categorias específicas, do Prêmio da Associação Brasileira de Letras, Prêmio da Fundação Biblioteca Nacional e o Prêmio Jabuti, para mapear, a partir dessa amostra, a legitimidade *ou não* da literatura negra nas instâncias de consagração reais do campo literário, em oposição à mídia, por exemplo, os 25 livros eleitos como melhores do século pela Folha de S. Paulo, ademais, tais dados permitirão, inclusive, o mapeamento pela metodologia de Análise de Correspondência Múltipla dos dados sociais coletados dos ganhadores, sejam da literatura negra ou não.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo editorial, 2019.

DE CARVALHO, Alexandra Bittencourt; DE SOUZA, Jéser Abílio; DE ABREU, Mariana Sales. Branquitude, imagens de controle e desidentificação: uma análise de discurso textualmente orientada de raps produzidos por mulheres negras. *Língu@ Nostr@*, v. 10, n. 1, p. 43-64, 2022.

FERREIRA, Teresa. Entrevista a Arjun Appadurai. *Comunicação & Cultura*, [S. l.], n. 7, p. 133-140, 2009. DOI: 10.34632/comunicacaoecultura.2009.479. Disponível em: <https://journals.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/479>. Acesso em: mar. 2026.

IANNI, O. Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 28, p. 91-99, 1988. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i28p91-99. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034>. Acesso em: mar. 2026.

MEDEIROS, Mário Augusto. **A descoberta do insólito: Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. 2ª ed. São Paulo: Sesc Edições, 2023.

REILY, Suzel Ana. *O musicar local e a produção musical da localidade. GIS-gesto, imagem e som: revista de antropologia*, 2021.

ROSE, Tricia. *Barulho de preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos*. Editora Perspectiva S/A, 2021

WILLIAMS, Raymond. **A Longa Revolução**. Tradução de Ugo Rivetti. 1º ed. São Paulo: Edusp, 2025.

CHECKLIST PARA PAPER COMPLETO	
NORMAS	ASSINALAR COM “✓” OU “OK”
Logo do 14º SNS&P na primeira página	✓
Texto entre 12 e 15 páginas (excluindo capa e referências)	✓
Formato de papel A4	✓
Margens superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm	✓
Fonte Times New Roman, tamanho 12	✓
Recuo de 1,25 cm para a primeira linha de cada parágrafo	✓
Espaço entre linhas de 1,5	✓
Referências conforme normas o “Manual de Normalização de Documentos Científicos de acordo com as normas da ABNT” [UFPR]: < https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73330 >	✓
Conversão do arquivo em .pdf	✓